



Casas de farinha: Mulheres e Representações Sociais¹

Marina Sartório FARIA²

Joliane OLSCHOWSKY da Cruz³

Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo: Ao longo dos anos o papel social da mulher vem se modificando de maneira significativa. Nesse contexto, as representações sociais de gênero aparecem como uma importante forma de criar e manter imagens que se pautam diretamente na relação da mulher com o trabalho. Na atividade laboral realizada nas casas de farinha notamos diversas representações que associam a mulher a uma imagem estabelecida historicamente. Apesar de estarem em constante mutação, as representações sociais de gênero ainda associam o universo feminino a um caráter fraco e submisso.

Palavras-chave: Representações Sociais; gênero; mulheres; casas de farinha.

Introdução

As representações sociais são conceitos que surgem na sociedade e se mantêm a partir de tradições familiares, memória oral, meios de comunicação etc. Esses conceitos vão aos poucos se estratificando e passam a ser considerados como reais. Dentre essas representações, questões relativas à desigualdade entre os gêneros se apresentam como um tema atual e significativo.

São diversas as representações sociais de gênero que rondam o universo feminino. A partir do surgimento e classificação das idéias, estas passam a ser utilizadas para mediar à comunicação, construindo identidades culturais que criam padrões de segregação sexual. Representações que associam a mulher ao trabalho doméstico bem como sua fragilidade frente ao labor acompanham mulheres de diversos tipos e classes sociais. No entanto, quando essa mulher precisa ser mãe, esposa, doméstica e ainda contribuir com a economia da família determinadas representações sociais de gênero se tornam ainda mais claras.

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Estudante do sétimo semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio TV da Universidade Estadual de Santa Cruz. Email para contato: sartorio.marina@gmail.com

³Orientadora: Doutora em Ciências da Comunicação pela ECAUSP, Profª Ajunta DLA, Comunicação Social – TV e Rádio na UESC.



A mandiocultura é uma atividade típica do povo nordestino. Além de contribuir para a formação de um mercado interno, a produção de farinha de mandioca assume um importante papel de subsistência. Além das casas de farinha que produzem exclusivamente para a venda, existem diversas comunidades e famílias que produzem para consumo interno. Nesse contexto, homens e mulheres dividem funções para transformar a raiz de mandioca em farinha. Levando em consideração o cotidiano desses trabalhadores bem como a divisão das atividades e a postura de ambos os sexos, o objetivo deste estudo é verificar a existência de representações sociais nas casas de farinha localizadas entre a região de Ilhéus e Itabuna.

A fim de alcançar os objetivos propostos por esse estudo, tentamos olhar à luz Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2003) bem como os estudos de gênero no cotidiano dos trabalhadores de casas de farinha, as entrevistas, registradas tanto em áudio digital quanto em documento fotográfico, e as comparamos com documentário sobre a temática da produção de farinha, realizado no semestre anterior.

A mulher do campo convive com diversas rotulações na qual é vista unicamente como doméstica. As mulheres que trabalham em casas de farinha geralmente o fazem tanto com o intuito de adquirir independência econômica quanto contribuir para a renda da família. Muitas vezes essas mulheres enfrentam os maridos que acreditam que seu lugar é em casa. Mesmo depois de adquirir o direito de trabalhar, enfrentam dificuldades devido à desvalorização de seu serviço. Levando em consideração todos os pontos percorridos até então, pretendemos mostrar com esse estudo que as representações sociais de gênero estão presentes na atividade laboral das casas de farinha. Para tal, a fotografia, a primeira das imagens técnicas nos serve de suporte.

As representações sociais

Representações Sociais são conceitos oriundos da sociologia que objetivam mostrar como as idéias são classificadas e compartilhadas socialmente, contribuindo não só para a atribuição de sentido às coisas, mas também para auxiliar a comunicação. Enquanto para Durkheim, citado por Duveen (2003), as representações sociais fazem parte de um contexto social, para Moscovici (2003) elas atuam na mente criando uma série de



significados e conexões que dão referência sobre determinada coisa, além de serem fenômenos passíveis de mudanças.

Percebe-se que as representações sociais, RS, se formam a partir da interação com o mundo e com a sociedade em geral, criando símbolos que ligam idéias a imagens. “Se a cada imagem está associado um conjunto de significados também é verdade que os significados tendem a se condensar em imagens que são transmitidas entre indivíduos, de um grupo para outro” (OLSCHOWSKY, 2007, p.43)

Essas interações e experiências com o mundo permitem que sejam categorizadas novas idéias de acordo com o meio em que o sujeito vive bem como suas vivências. As representações se propagam não só a partir dos diversos meios de comunicação mais também a partir da convivência com a família e suas tradições.

As representações sociais englobam duas partes: um núcleo central e uma periferia. O núcleo central corresponde à parcela menos suscetível às mudanças, enquanto a periferia se mostra mais maleável e disposta a englobar novas idéias, inserindo-a futuramente na antiga representação ou criando uma nova. Essas idéias compartilhadas socialmente, que buscam compreender e comunicar algo, desencadeiam dois processos de pensamento que se baseiam na memória e em conclusões passadas: ancoragem e objetivação.

Ancoragem é caracterizada por ligar idéias novas ou estranhas a paradigmas e categorias conhecidas. “Na ancoragem comparamos o desconhecido com uma imagem conhecida e já internalizada presente em nosso paradigma a fim de poder acolhê-lo em nossa representação (...) buscando descobrir a que categoria ele pertence” (p. 46)

A objetivação busca transformar uma idéia nova, algo que ainda está na mente, em imagem conhecida para que possa ser partilhada na comunicação. A objetivação, além de desvendar a iconicidade de uma idéia, torna-a familiar e real. “Trata-se de um complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de idéias” (p.47). A objetivação apresenta grande importância do campo das representações, pois, ao contrário da ancoragem, faz com que as idéias deixem de ser apenas um signo e passem a ser vistas como realidade, como o próprio sentido da palavra. “... como uma espécie



de imperativo lógico, as imagens se tornam elementos da realidade, em vez de elementos do pensamento” (MOSCOVICI, 2003, p.74).

Moscovici acredita que, dentre outras funções, as representações sociais se relacionam com a comunicação social à medida que se propõe a facilitar a efetivação desta. No entanto, apesar de as representações tornarem a comunicação possível, é a comunicação que cria e mantém os estereótipos responsáveis pela familiaridade e identificação tão importante para as representações sociais.

Segundo Moscovici (2003), as pessoas tendem a relacionar novas pessoas e objetos à suas representações anteriores, e caso essa conexão não seja estabelecida, o novo tende a ser descartado.

Como vimos, RS tendem a associar idéias a imagens. Ao se deparar com uma idéia nova, a mente associa esta idéia a uma imagem conhecida. Imagens e RS estão diretamente ligadas. Nesse contexto, é importante entender as imagens e a forma como elas e os seres humanos estabelecem conexões. Portanto, a seguir faremos uma breve explicação a respeito das imagens técnicas.

Imagens Técnicas

O ser humano vive rodeado por diversos tipos de imagens. Fotografias, vídeos, obras artísticas etc. Mas, apesar de conviver diariamente com essas manifestações imagéticas, sua definição e importância são desconhecidas. O hábito faz com que as pessoas se acostumem às coisas ao seu redor fazendo com que aos poucos estas passem a produzir seus efeitos comunicativos naturalizadamente.

No entanto, a grande importância das imagens e o fator pela qual elas merecem total atenção é que a imagem tem como função mediar a relação do homem com o mundo. Segundo o autor Vilém Flusser (2002) a imagem é uma superfície que pretende representar algo existente ou não. De acordo com o autor, uma imagem é resultado da relação entre emissor e receptor, pois em sua formação estão disponíveis uma série de símbolos e espaços que serão interpretados por ambas as partes.



O mundo não é imediatamente acessível ao homem, sendo a imagem uma forma de representar os espaços e pessoas, não necessariamente tornando tudo o que registra eterno, mas sim substituindo as situações por cenas, transformando tudo em uma estrutura plana e detentora da dialética interna da imagem.

Mas, de que forma a imagem se torna acessível e interpretável ao ser humano? Sabe-se que naquela superfície plana estão inseridos diversos símbolos passíveis de identificação e interpretação, mas como chegar até eles? Segundo Flusser (2002), os significados da imagem estão presentes em sua superfície, sendo possível captá-los “por um golpe de vista”. No entanto, essa primeira análise produz apenas significados superficiais. Para extrair e se aprofundar no significado real da imagem, é preciso estabelecer uma relação com esta, criando um laço entre duas intencionalidades: a do emissor e a do receptor. “Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear do olhar é circular: tende a voltar e contemplar elementos já vistos” (FLUSSER, 2002, p.8)

Flusser (2002) cunhou o termo “imagens técnicas”, definindo aquelas produzidas de forma programática através de algum aparelho de codificação. Segundo o autor, as imagens técnicas parecem não precisar ser decifradas devido à grande facilidade em perceber seus significados presentes.

O mundo representado parece ser a causa das imagens técnicas e elas próprias parecem ser o último efeito de complexa cadeia causal que parte do mundo. (...) Aparentemente, pois, a imagem e mundo se encontram no mesmo nível do real: são unidos por cadeia ininterrupta de causa e efeito, de maneira que a imagem parece não ser símbolo e não precisar de deciframento. Quem vê imagem técnica parece ver seu significado. Embora indiretamente. (FLUSSER, 2002, p.14)

No entanto, é fato que decifrar imagens técnicas não é tão objetivo quanto parece. As imagens técnicas estão diretamente relacionadas ao texto, pois, segundo Flusser (2002) estas são produzidas, a partir da imaginação, com o intuito de codificar textos em imagens. Decifrar essas imagens significa na verdade recuperar um texto que foi codificado, e, a partir dessa recuperação, resgatar todo um universo de significados. “O que vemos ao contemplar as imagens técnicas não é ‘o mundo’, mas determinados conceitos relativos ao mundo.” (FLUSSER, 2002, p.15)



Nessa mediação que a imagem estabelece entre o homem e o mundo, acontecem inúmeras representações que com o tempo, e com a ajuda da comunicação, acabam se firmando como reais. Dentre as coisas que as imagens trazem para o ser humano está a representação do feminino.

Fotógrafos como Henri Cartier-Bresson, Steve McCurry, Dorothea Lange, Margaret Bourke-White e Lee Miller registraram todas as mudanças ocorridas no universo feminino tanto em um âmbito tanto social quanto representativo através das lentes de suas câmeras. A fotografia, primeiro meio de popularização da imagem, registra o cotidiano de mulheres que lutam por seu lugar no mercado de trabalho ao mesmo tempo em que assumem o papel de mãe e esposa.

A partir do século XX, a representação do feminino tornou-se algo comum. A partir de então, vem a tona diversas RS que ao longo dos anos vêm se construindo a respeito da mulher e sua relação com o trabalho e o mundo. Com o intuito de mostrar como essas representações femininas se constroem em ambientes de trabalho como as casas de farinha, torna-se essencial entender de que forma o papel social da mulher vem se modificando ao longo dos séculos.

Gênero e Trabalho

Os estudos de gênero ainda se mostram recentes no campo das teorizações sociais. Dias (2003) mostra que foi apenas a partir da década de 60 do século XX, a partir dos movimentos sociais reivindicatórios ocorridos na Europa, que a temática da mulher passou a fazer parte da investigação científica. Sabe-se que as primeiras diferenciações existentes entre homens e mulheres são decorrentes de fatores biológicos. É fato que todos são biologicamente classificados como homens ou mulheres. No entanto, o que inicialmente se tratava de uma diferenciação biológica passou a ser vista como uma diferença cultural.

Naturalizou-se que seres humanos de corpos diferentes também deveriam ser tratados de maneiras diferentes. Nesse contexto, cada cultura foi aos poucos desenvolvendo



normas de tratamento e diferenças de valor para cada um dos sexos, fazendo com que conseqüentemente um fosse privilegiado em relação ao outro.

Ao tratar da desnaturalização das relações humanas que se fundam na diferença entre os sexos, estamos conseqüentemente falando de gênero. Sabemos que a segregação sexual se constrói na relação do ser humano com o mundo, tanto em suas ações quanto em seus esforços em construir uma sociedade. No entanto, as diferenças biológicas não sustentam a diferenciação cultural naturalizada entre os povos.

Humanos são animais auto-reflexivos e criadores de cultura. O sexo biológico com o qual se nasce não determina, em si mesmo, o desenvolvimento posterior em relação a comportamentos, interesses, estilos de vida, tendências das mais diversas índoles, responsabilidade de papéis a desempenhar, nem tampouco determina o sentimento ou a consciência de si mesmo/as nem das características da personalidade, do ponto de vista afetivo, intelectual ou emocional, ou seja psicológico. (STREY, 1998, apud DIAS, 2003, p.18)

Dias (2003) defende que em uma sociedade marcada pela pluralidade, não se deve perceber as diferenças entre homens e mulheres como oriundas de fatores abstratos ou de simples diferenças biológicas. Segundo a autora, essas diferenças devem ser resgatadas de fatores histórico-sociais. Sob esse aspecto, Strey (1998) advoga que cada sociedade possui um sistema de gênero, que em suas palavras corresponde a “(...) conjunto de arranjos através dos quais a sociedade transforma a biologia sexual em produtos da atividade humana e nos quais essas necessidades são satisfeitas” (STREY, 1998, p.183).

As RS foram responsáveis por trazer ao longo dos anos os conceitos que se construíram a partir das diferenças biológicas entre homens e mulheres. Nesse contexto, as mulheres se acostumaram a ser vistas como inferiores em relação ao sexo masculino, acreditando que não são tão capazes ou eficientes quanto os homens.

Uma das grandes discussões que rodeiam o sexo feminino é a relação da mulher com o trabalho. Originada em uma sociedade e época onde a mulher tinha como única responsabilidade social cuidar da casa e da família, a figura feminina se deparou com um contexto social que não relacionava a mulher a qualquer tipo de trabalho que não fosse o doméstico. Como todas as outras questões de gênero, a luta da mulher por seu



espaço no mercado de trabalho começa desde cedo, podendo ser mais bem explicada a partir de uma breve análise histórico-social.

A mulher e o trabalho

A Revolução Industrial acarretou uma série de mudanças tecnológicas que afetaram não só o processo produtivo em nível econômico, mas também social. A partir do momento em que houve uma resignificação do mercado de consumo, e um conseqüente aumento do trabalho fabril, passou-se a reivindicar direitos trabalhistas como fixação da jornada de trabalho, assistência médica, condições de higiene etc. No entanto, essas reivindicações se limitavam ao trabalho do homem, deixando a mulher trabalhadora na escuridão.

De acordo com Paola Cappellin (2008), a partir do momento em que o homem passou a ser o foco das reivindicações trabalhistas, as péssimas condições do trabalho feminino ficavam invisíveis, bem como seu reconhecimento como parte da população economicamente ativa. A mulher era reconhecida como doméstica, sendo seu único dever agradar ao homem e manter a casa e os filhos em ordem.

Entre 1979 e 1985, vários setores da sociedade se mobilizam para reivindicar, a partir de organizações sindicais inovadoras e críticas, melhores condições de trabalho e de vida. É justamente nesse universo sindical que se começa a perceber que a população trabalhadora engloba tanto homens quanto mulheres, cada um com seus deveres e responsabilidades.

Neste momento de efervescência sindical, as mulheres trabalhadoras se reuniram a fim de levantar questões como à divisão sexual do trabalho e discriminação contra a mulher. Com isso, questões que antes ficavam restritas apenas ao ambiente doméstico, assumem uma posição de denúncia e luta por novos direitos. “Tais atitudes conseguem atingir os alicerces das relações sociais questionando os principais espaços coletivos: o local de trabalho, a prática sindical e a própria família.” (CAPPELLIN, 2008, p.645).

Apesar das disparidades ainda existentes, a participação das mulheres no processo de elaboração da Constituição de 1988 mostra que algumas das reivindicações estão sendo



atendidas. Novos direitos relativos às relações de trabalho femininas bem como a diminuição da segregação sexual passam a fazer parte da nova constituição. Além de a mulher ganhar um maior período de licença maternidade, este direito passa a valer também para os homens, incentivando a divisão das tarefas domésticas e familiares entre ambos os sexos. A mulher passa a ter o direito de ser reconhecida como “chefe de família”, é garantido a ela o direito de registrar terras em seu nome, são definidas idades diferentes para a aposentadoria do homem e da mulher.

A repercussão dos movimentos das trabalhadoras acaba gerando um novo conceito de feminilidade e masculinidade. “A mulher trabalhadora recusa o papel social de dona de casa como sendo o único e o prioritário, não reconhece no trabalho extradoméstico nenhuma ‘força emancipadora’, não aceita mais a subordinação a uma autoridade patriarcal.” (CAPPELLIN, 2008, p.664). Essas mudanças sociais acabaram interferindo em outros setores da sociedade. O envolvimento da mulher na vida econômica e o aumento de seu peso social refletiu-se em seus valores e no seu corpo.

Nesse contexto, foram criadas representações que relacionavam a beleza à disparidade de gêneros. As mensagens estéticas da época pregavam que a mulher deveria estar bonita e limpa para seu marido, reafirmando um discurso opressor que restringe a mulher e sua identidade ao ambiente doméstico.

E foi justamente no decorrer dos anos 60 e 70 do século XX, junto com o rompimento do silêncio sindical, que algumas representações dominantes do corpo foram rompidas. A estética passou a ser utilizada como libertação da autenticidade anterior atribuída a mulher de acordo com Sant’Anna, 2003. Os movimentos femininos negavam o padrão de beleza que seguia as regras da indústria da moda – magreza como sinônimo de perfeição. O corpo passou a ser utilizado como forma de representação de independência e poder, sem abandonar a estética e cuidados necessários para manter a auto-estima.

As representações sociais de gênero nas Casas de Farinha

Essas mudanças, pouco a pouco se enraízam no tecido social, levando tempos mais longos para englobar regiões mais periféricas como o universo dessa pesquisa, que

revela em imagens algumas representações antigas, ainda presentes no cotidiano dessas mulheres.

Originada em uma estrutura social patriarcal, uma das representações sociais de gênero que percebemos nas casas de farinha localizadas entre a região Ilhéus-Itabuna é a idéia da mulher “serviçal-doméstica”. Além de trabalhar fora de casa, depois de toda a jornada de trabalho ainda cabe a mulher a obrigação de cuidar da casa, da comida, dos filhos, da roupa e do marido.

Essa representação da mulher doméstica acompanha o universo feminino há muito tempo. Educada para servir ao marido e ao lar, a mulher se acostumou a pensar que as tarefas domésticas cabiam exclusivamente ao sexo feminino. Com o passar do tempo, a educação familiar bem como a cultura popular e oral mantiveram essa representação. Hoje, século XXI, época em que a mulher luta por direitos e oportunidades iguais, a concepção da mulher como a responsável pelo lar continua forte nessa região.

Meninas aprendem desde o início de suas vidas, na cultura ocidental, que ser mulher é exercer funções associadas à maternidade, ao cuidado e ao serviço comunitário, por exemplo, cuidar da casa, do marido, das crianças, submeter-se ao comando do homem mais próximo – pai, irmão, marido (FAGUNDES, 2003, p.65).

Em todas as casas de farinha visitadas foi extremamente comum encontrar mulheres descascando mandioca ou fazendo outras tarefas com uma criança no colo ou ao seu redor, seguras de que faz parte de seu papel de mulher.

Como podemos perceber, na Fig.1, enquanto a mulher torra a farinha de mandioca seu filho se encontra sentado no forno enquanto vê a mãe realizando suas tarefas. Devido ao fato de ser a única responsável pelos filhos, as mulheres muitas vezes se vêem obrigadas



Figura 1 – Criança no local de trabalho. Marina Sartório, 2009.



Figura 2 – Amamentação. Marina Sartório, 2009.



a levar seus filhos para o ambiente de trabalho, mesmo que o marido esteja em casa. Uma delas tem que parar sua atividade para amamentar o bebê, Fig. 2, que também fica no ambiente de trabalho com a mãe durante toda sua jornada.

No entanto, os filhos não são a única preocupação das farinheiras. A maioria das mulheres entrevistadas comentam que seu trabalho não se restringe às casas de farinha. A grande maioria das mulheres ao chegar a casa tem como responsabilidade fazer faxina, lavar roupa, cozinhar, cuidar das crianças e ainda agradar ao marido.

Como dito anteriormente, as RS são passíveis de mudança. Um dos aspectos mais perceptíveis nas casas de farinha é que a opinião da mulher sobre sua relação com o trabalho depende muito de sua idade. Deparamos-nos com mulheres idosas que acreditam que seu lugar é em casa, e que sua obrigação é agradar ao marido.

Eu acho que de qualquer maneira o homem é mais respeitado. De qualquer maneira nós somos mais submissas a respeitar o homem. Porque afinal de contas nos somos tiradas da costela dele, ele tem que viver ao nosso lado. E aí ele é mais alto, ele é o sacerdote da casa. Depois da palavra dele tem que ser a da mulher. Eu vivo assim com meu marido, tudo na combinação. Se ele disser “vai”, vai. Se ele disser “não vai”, a mulher se aquieta. (...) A mulher tem que obedecer ao marido. Por isso ela deixou a casa de pai e mãe. (Maria, Buerarema, 2009)

Enquanto umas acreditam que a mulher deve ser submissa ao homem, percebemos que as mulheres mais novas já possuem diferentes opiniões a respeito do trabalho. Encontramos diversas mulheres que não acreditam na submissão e que trabalham e estudam para adquirir respeito, independência econômica em trabalho longe dali.

A partir dessa disparidade de opiniões, percebemos que as RS vêm sofrendo diversas mudanças ao longo do tempo. Da mesma forma que a cultura vem se transformando, o papel social da mulher também se modifica. Nesse contexto, mulheres que antes eram tidas unicamente como domésticas passam a lutar por seu espaço no mercado de trabalho ao mesmo tempo em que cobram por melhores condições. Na casa de farinha de Buerarema, distrito de Itabuna, por exemplo, uma das mulheres nos falou a respeito de sua luta pela valorização do trabalho de farinheira.

(...) Ai eles pagava a gente dez reais o dia. Ai a gente juntou tudo e falou que não podia. (...) A gente falou justa razão... o dia da gente é... é... quinze reais. (...) Agora não sei se eles gostaram, mas pagaram a gente certinho, né? O que agente cobrou pagou certinho. E eu quero os quinze reais que a gente recebe. (Teresa de Jesus Fernandes, Buerarema, 2009)

Na divisão das tarefas da casa de farinha geralmente cabe a mulher a tarefa de descascar a mandioca, e ao homem moer, prensar, peneirar e torrar. Segundo homens e mulheres, o trabalho na casa de farinha é muito “pesado”, por isso a mulher fica responsável apenas por descascar a mandioca. Sabemos que as primeiras diferenciações feitas entre homens e mulheres foram decorrentes de fatores biológicos, e que essas diferenças resultaram em atribuição de valores e tarefas em um cunho social. Devido ao seu corpo, foi determinado culturalmente que a mulher era menos capacitada que o homem. No entanto, notamos que apesar de ser justificada a tarefa da mulher na casa de farinha



Figura 3 – Homem descarregando mandioca. Marina Sartório, 2009.



Figura 4 – Condições de trabalho. Marina Sartório, 2009.

devido a sua facilidade, notamos que essa não é a realidade que se apresenta.

As condições de trabalho notadas nas casas de farinha não oferecem nenhum tipo de facilidade às

mulheres. Sentadas em banquinhos ou

até mesmo no chão ou em troncos de madeira, as mulheres passam horas descascando uma quantidade enorme de raiz de mandioca. A tarefa realizada não é tão simples ou fácil como pensam. Podemos perceber, através da musculatura do antebraço da mulher, Fig. 4, que é empregada força para descascar a dura raiz da mandioca. Descascar uma ou duas mandiocas pode realmente não ser muito desgastante. No entanto, repetir essa ação inúmeras vezes sem nenhum tipo de conforto depende sim de força e condicionamento físico. Assim, mesmo rodeadas pela RS que cria uma imagem fraca e delicada para a figura feminina, percebemos que as mulheres que trabalham em casas de

farinha também exercem atividades que requerem força, sem contudo repararem na contradição.

A RS que engloba a questão da força física é notada nas casas de farinha. As mulheres afirmam que não realizam as outras tarefas devido à dificuldade atribuída a elas. No entanto em algumas casas de farinha, principalmente nas familiares, percebemos que o fator biológico não determina a atividade que será realizada pela mulher.



Figura 5 – Mulher cortando lenha. Marina Sartório, 2006.



Figura 6 – Mulher torrando farinha. Marina Sartório, 2006.

Em Maria Jape, distrito de Ilhéus, nos deparamos com uma mulher que realiza todas as atividades da casa de farinha. Ao contrário do que comumente se diz, ela acredita que o fato de ser mulher não diz o que ela pode ou não fazer. Ela confirma que existem tarefas que geralmente são realizadas pelas mulheres, mas, segundo ela:

(...) não tem muita diferença. Tem mulher que faz serviço de homem. Eu mesmo corto de machado, eu lasco lenha, eu torro, eu arranco mandioca, eu faço tudo, né? Em relação ao trabalho é só ter força de vontade, coragem, e aí faz tudo... Faz tudo normalmente... Agora... É uma boa questão... Um ajuda o outro. Um compartilha do serviço do outro. Eu mesmo aqui é assim. Quando o homem tá torrando, que já torrou bastante, eu tomo o rodo também para ajudar um pouco, né? (...) Peneiro. É que aqui no campo quase todo serviço que o homem faz a mulher faz também. (...) Porque todo trabalho o homem faz todo trabalho a mulher faz. Todo. (Vitalina, Maria Jape, 2009)

Considerações finais

Depois de expostas e analisadas todas as informações, podemos perceber que as representações sociais estão presentes de forma significativa na sociedade. É importante ratificar que devido a seu caráter plástico as RS estão em constante mudança, fazendo com que constantemente novas informações sejam incorporadas às antigas.



As RS de gênero são um exemplo dessas representações que permitem que sua parte periférica englobe novos conceitos e informações. Ao longo dos anos o papel social da mulher vem se modificando de forma significativa. No entanto, apesar de serem notórias as transformações culturais que englobam o universo feminino, as RS de gênero que criam e mantêm a imagem da mulher fraca e submissa ainda se mostram presentes na sociedade contemporânea.

Devido a todos esses fatores, notamos que nas casas de farinha localizadas entre a região Ilhéus-Itabuna a situação da mulher trabalhadora não é diferente do resto da sociedade. Apesar de mostrarmos que algumas RS de gênero por vezes contradizem a realidade apresentada, é fato que elas existem. As mulheres que trabalham em casas de farinha lidam diariamente com conceitos e idéias sobre sua relação com o trabalho, a casa e a família que a determinam como submissa e fraca. Mesmo em casas de farinha onde mulheres exercem tarefas tidas como masculinas, percebemos a presença das RS de gênero através de falas e comportamentos.

Sabemos que segundo Moscovici (2003), “a representação iguala toda imagem a uma idéia e toda idéia a uma imagem” (p.46). Portanto, registrar as RS em documento fotográfico se mostrou uma maneira eficaz de tornar visíveis as idéias e conceitos que giram em torno da relação da mulher com o trabalho.

Através das imagens trazidas, bem como a partir do texto, é possível notar que as RS estão presentes nas casas de farinha, e que elas associam idéias e imagens estereotipadas ao universo feminino.



Referências Bibliográficas

BARICKMAN, B.J. A farinha de mandioca – “o pão da terra” – e seu mercado. In: **Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 87-127.

CAPPELLIN, Paola. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade Brasileira. In: M. Del Priore. (Org.). **A história das mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: CONTEXTO e UNESP, 2008, v. 1, p. 640-668.

DIAS, Maria Rosália C. Por uma compreensão do conceito de gênero. In: **Ensaio sobre Identidade e Gênero**. Salvador: Helvécia, 2003.

DUVEEN, G. Introdução: O poder das idéias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FAGUNDES, Tereza Cristina P. C. Identidade feminina – uma construção histórico-cultural. In: **Ensaio sobre Identidade e Gênero**. Salvador: Helvécia, 2003.

FLUSSER, Vilém. **A filosofia da caixa preta**. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**; traduzido por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

OLSCHOWSKY, Joliane. Imagens e Representação. In: **Mulher na ciência: representação ou ficção**. 2007. 244f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação do Departamento de Cinema, Televisão e Rádio.

PRIORE, Mary Del. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história da transformação do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Senac, 2000.

SANTOS, L.H.S. Pedagogias do corpo: representação, identidade e instâncias de produção. In: **Século XXI: Qual Conhecimento? Qual Currículo?** Petrópolis: Vozes, 1999. p.194-212

STREY, Marlene Neves. Gênero. In: **Psicologia Social Contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.

WOLF, Naomi. O trabalho. In: **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.